

# 1.

## Introdução

Antes de começar a discorrer sobre os ‘fios’ condutores dessa tese – agressividade, subjetividade e cultura -, gostaria de tecer alguns comentários acerca dos seus antecedentes. Compartilhar, mesmo que de modo sucinto, a atmosfera e os acontecimentos que me permitiram realizar dois encontros, sem os quais não estaria aqui com estes ‘fios’.

Encontrava-me em um momento de muitos questionamentos. Experimentava certa insatisfação com o trabalho clínico - com a prática e com a formação -, como se me faltassem elementos teóricos para fazer avançar as questões que me colocava. Pouco a pouco, fui percebendo que esta mesma insatisfação e questionamento atingia todas as áreas de relacionamento da minha vida. E que talvez, na verdade, eu me encontrasse em um momento de profunda reavaliação das bases e dos valores que sustentava, e que me sustentavam, por consequência.

Em decorrência desse estado, um ‘movimento exploratório’ de busca havia se instalado: passei a ler, a ouvir e frequentar a diversidade. Aventurar-me à diversidade, aqui, significava a ousadia, pelo menos de início, de poder frequentar outros mundos, outros ambientes e não somente aqueles que haviam se delineado como tais, para mim, ao longo da minha formação.

Foi no final do ano de 2000, em meio a esta ‘exploração’, que chegou às minhas mãos o texto, recém lançado, de Jurandir Freire Costa, “*Playdoier* pelos irmãos”. Foi com imensa alegria que o li e reli. Era como se finalmente, ali, alguma coisa fizesse sentido para mim, como se de algum modo ele pudesse me revelar o que eu procurava e não sabia, despertando o que em mim ainda se encontrava de modo disperso e, portanto, desconexo. Este foi o primeiro encontro.

O segundo foi decorrência do primeiro. Aceitando o que entendi como sendo um convite feito pelo texto de Costa, revisei Winnicott. “O Brincar e a Realidade” jazia em minha estante, já amarelecido pelo tempo. Nem mais reconhecia como sendo minhas as anotações que ele continha! Parecia que nunca o havia lido, tal a estranheza e a novidade. Grande re-encontro! Permitiu-me ir retomando, pouco a pouco, o que em mim havia ficado adormecido pela cantilena monótona dos últimos anos de formação. Agradeço a Jurandir

Freire Costa que, com seu texto, ofereceu-me esta dupla oportunidade de despertar e experimentar novos caminhos.

Incluí este pequeno ‘prefácio’ por considerar que ele, de algum modo, misturando-se aos elementos precursores dos meus ‘fios’, é parte integrante dos mesmos. Ao final, a realização dessa tese confirmou a importância do entrelaçamento das noções de agressividade, subjetividade e cultura para a criação de ferramentas teóricas capazes de ir ao encontro das inquietações provenientes de um momento, que não é só meu, mas, sobretudo, histórico, sócio e cultural.

Antes de prosseguir, gostaria de advertir o leitor que esta tese foi escrita na 1ª. pessoa do plural, salvo em dois ou três momentos nos quais entendi que o teor da comunicação exigia a 1ª. pessoa do singular (peço perdão aos lingüistas e aos gramáticos por essa licenciosidade). A presença do ‘nós’ encontra seu fundamento nos diversos trabalhos de parceria que serviram de subsídio (imprescindíveis) à sua realização. Na parte teórica, as reuniões de orientação – individuais e em grupo -, bem como as discussões e os estudos realizados no Grupo de Pesquisa sobre Relações Objetais Precoces, foram essenciais à compreensão do pensamento de Winnicott e ao estabelecimento da estrutura do texto. Na parte clínica, a convivência nos vários dispositivos terapêuticos, bem como as discussões em reuniões e grupos de estudo do projeto Casa da Árvore, resultaram em fonte de inestimável aprendizagem e estímulo.

\* \* \*

Encontramos na figura do *rapper* um arauto oportuno. Tal qual o bardo que, em tempos remotos, cantava em versos a sua epopéia, os *rappers* - com suas letras sem rima nem métrica, com seu ‘papo reto’ e voz direta, embalados apenas por ritmo e sem melodia -, nos trazem notícias de um mundo que fazemos de tudo para nos mantermos a uma certa distância: a chamada periferia, ocupada pelas comunidades em desvantagem social. Com a sabedoria de quem fala a partir da própria experiência, eles anunciam verdades cruas. Não nos escapou a profunda sintonia entre as suas descrições e comentários e algumas das vivências que tivemos durante a realização dessa tese. Assim, lançamos mão dos versos desses poetas agônicos para nos auxiliar a transmitir para o leitor uma legenda condizente

com as cenas que trazemos a seguir: “...dizem quem quer segue o caminho certo, ele se espelha em quem está mais perto”<sup>1</sup> (Racionais MC’s).

Cena I – 20/10/2005 - 26 crianças, que têm entre 6 e 12anos, estão brincando na Casa da Árvore do Morro do Chapéu Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro:

Após construírem uma casa grande, com vários ambientes, elas [as crianças] decidiram dar uma festa. Todas as crianças acabaram participando da brincadeira. Era uma festa de criança, o aniversário de um ano do filho da ‘Maria’. Havia gente namorando, bebendo ‘skol gelada’, embriagada, enrolando e fumando baseado e cheirando pó. O que foi acompanhado dos seguintes comentários, feitos pelas próprias crianças: “Olha isso aqui é uma festa de criança, não dá pra fumar aqui!, tem que ser lá fora”. “Fumar maconha tudo bem, mas cheirar, não. Aí já é demais!”

Cena II – 19/06/2006 - as crianças têm entre 3 e 4 anos e estão brincando na creche que frequentam, no Morro do Pavão-Pavãozinho, na cidade do Rio de Janeiro:

Uma delas está deitada, inerte, sendo carregada pelos braços e pelos pés, pelas demais. Elas explicam que estão brincando de carregar defunto (desovar presunto, na gíria local).

Estas cenas aconteceram em duas comunidades localizadas em morros da zona sul carioca. Ambas, além de estarem em condição de desvantagem social, contam com a presença massiva do tráfico de drogas no seio da comunidade. Recentemente, o filme *Falcão – Meninos do Tráfico*<sup>2</sup> expôs, de forma contundente, essa ferida social que atinge proporções colossais. Mais uma vez a sociedade é intimada a encarar uma situação que ela insiste em negar a existência: os efeitos devastadores sobre a infância do fracasso da provisão social, aliado a boas doses de ilegalidade, corrupção e violência. Tal qual na voz do *rapper*, que denuncia: “aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia, ta na correria, como vive a maioria... A polícia sempre dá o mau exemplo, lava a minha rua de sangue, leva o ódio para dentro de cada canto da cidade, pra cima dos quatro extremos da simplicidade”(Racionais MC’s).

<sup>1</sup>Informamos ao leitor que a letra da música *Mágico de Oz*, do grupo Racionais MC’s, encontra-se, na íntegra, no anexo desta tese.

<sup>2</sup> Documentário com depoimentos de crianças e adolescentes envolvidos no tráfico de drogas, produzido pelo rapper MV Bill e pelo coordenador da Central Única das Favelas (Cufa), Celso Athayde. Exibido na televisão, em rede nacional, em 19 de Março de 2006.

Uma pesquisa da Diretoria Geral de Tecnologia da Informação do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro revela que, no primeiro semestre de 2003, 53% das pessoas que tinham cometido algum tipo de delito tinham entre 18 e 24 anos. Quando a faixa etária era ampliada para 29 anos, o índice subia para 72%. “Nossos jovens foram adotados pelo crime”, lamentava o presidente do Tribunal de Justiça Miguel Pachá<sup>3</sup>. Relatórios da 2ª. Vara de Infância e Juventude sobre crianças e adolescentes detidos entre 2005 e agosto de 2006 indicam um número crescente de menores envolvidos em casos de homicídio: “O número de adolescentes nas ruas é cada vez maior. Os bandidos estão mais novos e mais despreparados. E na maior parte das vezes eles estão drogados, sem controle”, afirma a inspetora Marina Maggesi<sup>4</sup>. Os dados são alarmantes.

Sabemos que, a cada ano, aumenta o número de crianças que vivem em situações de risco. Com isso, estamos nos referindo às situações em que o fracasso da provisão social repercute, de forma estrondosa, no atendimento das necessidades básicas da criança em desenvolvimento, deixando-a exposta a fatores altamente nocivos à sua formação. Dentre eles, o que nos interessa destacar é a questão da violência<sup>5</sup>. Mais especificamente, as crianças que estão expostas às mais variadas formas de violência: seja a violência proveniente da realidade externa, seja a violência oriunda do interior – do exercício pulsional em situações em que o ego incipiente não pode contar com um suporte adequado e suficiente da provisão ambiental. Nesse sentido, as cenas relatadas acima são exemplares desse desamparo social e familiar (mesmo que involuntário), que tem por efeito expor a criança à situações de vida totalmente incompatíveis com a sua idade – sua capacidade de assimilação e elaboração (cognitiva e afetiva). Mais uma vez, ouçamos o *rapper*: “moleque novo que não passa dos doze, já viu viveu, mais que muito homem de hoje”.

Por que será que essas cenas são tão chocantes? Seria uma resposta simplista dizer que é pela violência que elas veiculam. Nesse caso, de que violência estamos

---

<sup>3</sup> Jornal *O Globo* de 8 de Agosto de 2004.

<sup>4</sup> Jornal *O Globo* de 24 de Novembro de 2006.

<sup>5</sup> Entendemos que a questão relativa a presença da violência em nossa sociedade é um fenômeno altamente complexo cuja análise excede em muito os objetivos dessa tese. No entanto, gostaríamos de deixar registrado que, por mais que nosso estudo tenha se baseado em um trabalho de atendimento coletivo à infância, prestado em comunidades em condição de desvantagem social, acreditamos que o problema da violência em nossa sociedade não deve ser reduzido, unicamente, nem ao problema do tráfico de drogas, nem à condição de desvantagem social. Estes constituem apenas *um* aspecto do problema, mas não o único.

falando? Já fomos crianças e sabemos que a violência e o brincar infantil fazem parceria, desde que o mundo é mundo. Quem não brincou de mocinho e bandido, de polícia e ladrão? Quem já não sonhou com uma espada ou mesmo um revólver, uma pistola ou uma espingarda? Quem já não sonhou matar os inimigos? O que nos choca, então? Certamente não é a destrutividade. É não encontrarmos a realidade fantástica, própria da infância, no brincar dessas crianças. Estamos diante de um brincar que nos assombra pela crueza das experiências de vida que ele revela. A violência que elas encenam não provém das fantasias destrutivas inerentes ao viver e ao amar. É violência vivida, sofrida na pele: “pelo reflexo do vidro ele vê, seu sonho no chão se retorcer”, canta o *rapper*. Através do brincar, essas crianças buscam restaurar as cicatrizes de um vivido traumático. Re-criam uma nova cena onde seja possível atuar um protesto-manifesto, reivindicando o respeito e a proteção que lhes faltou: - “Olha, isso aqui é uma festa de criança, assim não dá!”.

\* \* \*

Costa (1984), em seu livro *Violência e Psicanálise*, já aludia ao fato de que se tornara desnecessário uma justificativa de um estudo sobre a violência, tamanha a sua incidência no cotidiano de nossas vidas. A violência, dizia ele, “invadiu todas as áreas da vida de relação do indivíduo: relação com o mundo das coisas, com o mundo das pessoas com seu corpo e sua mente” (p.9). Sem dúvida, há violência em nosso cotidiano. Contudo, será que teremos acordo quando tentamos explicitar ao que estamos nos referindo? A palavra violência parece ter adquirido, entre nós, uma extrema plasticidade que nos permite utilizá-la das mais variadas formas para descrever os mais diversos fenômenos, desde os crimes mais hediondos até uma suposta condição natural – violenta - de fundação da civilização e do psiquismo. Como exemplo, citamos Marin (2002): “Desde Freud, a psicanálise aponta que a violência é, enquanto fundadora da civilização, determinante da subjetividade. O homem da cultura é herdeiro e cúmplice de um crime, fato que tenderá a ser negado e perpetuado por toda a humanidade” (p.16).

A certa altura, em meio a um bombardeio de relatos que empregavam o termo violência de forma indiscriminada para descrever fenômenos das mais diversas naturezas, nos colocamos a questão: mas afinal, o que é violência? Foi essa pergunta que, em última instância, causou esta tese – seu ponta-pé inicial.

Por um lado, haviam as mudanças constatadas na clínica: o aumento das queixas relacionadas à drogadição, à síndrome do pânico e à depressão; os quadros que envolvem psicossomatoses, comportamentos aditivos, condutas anti-sociais, processos de despersonalização e distúrbios afetivos. Em suma, fenômenos para os quais as noções de histeria, neurose obsessiva e psicose mostravam-se insuficientes. Uma diversidade de subjetividades e de sofrimentos psíquicos que questionava não apenas a técnica analítica, mas, sobretudo, o próprio lugar da psicanálise em nossa sociedade:

Nunca se discutiu tanto sobre desamparo, mal-estar, novas formas de subjetivação, futuro da psicanálise, crise de paradigmas, novas configurações psicopatológicas, neo-sexualidades, etc. É mais que evidente a necessidade de compreender os efeitos das transformações aceleradas que estão mudando a face do mundo, e o impacto dessas mudanças na organização de novas formas de experiência subjetiva, de novas modalidades de laço social.... a necessidade que temos de renovar nossos dispositivos clínicos e instrumentos teóricos para lidar com o sofrimento em suas configurações atuais. O que está em jogo é também a possibilidade de a psicanálise manter-se como um campo discursivo relevante na cultura (Bezerra Jr., 2000, p.106).

A problemática dos fenômenos que, em sua diversidade, questionam a clínica analítica não é algo tão novo assim. Aliás, a própria Psicanálise nasceu de um enfrentamento dessa natureza, bem como tem mantido esses fenômenos na condição de propulsores de seus avanços, tanto teóricos quanto clínicos. Na opinião de Pontalis (1977), “ela [a clínica psicanalítica] teve de lidar - e aqui, *fatores culturais* deveriam ser levados em conta - cada vez mais com o que chamou, de maneira aproximativa, as neuroses mistas, os casos limites, as neuroses de caráter, as personalidades narcísicas, etc” (p. 167 - o grifo é nosso). Por volta dos anos 50, o termo *borderline* surgiu em decorrência do reconhecimento da existência de pacientes para os quais, de um modo geral, a técnica analítica da interpretação era ineficaz.

Ao nos voltarmos para a teoria psicanalítica em busca dos subsídios necessários à nossa reflexão, a primeira coisa que nos ocorreu foi que, apesar do interesse despertado por esse tema - em virtude da utilidade teórica ou clínica que ele possa ter nos dias de hoje - , Freud não incluiu o conceito de violência entre os conceitos metapsicológicos, abordando-o apenas como tema em poucos momentos da sua obra: os impulsos agressivos da pulsão de morte são a principal referência teórica sobre esse tema. Este foi o primeiro ponto ao qual nos ativemos, e que, ao nosso ver, merecia certa reflexão: Freud falava de impulsos

agressivos e não violentos. Por mais que tenhamos não só incorporado o termo violência ao vocabulário psicanalítico, mas, sobretudo ‘naturalizado-o’ em nossa referência a uma suposta ‘violência’ própria à vida psíquica, julgamos tratar-se de um desdobramento que merecia nossa atenção.

Estabelecer a distinção entre violência e agressividade constituiu-se, pois, como um primeiro passo a ser dado. Encontramos nas palavras de Arendt (1969), ao comentar o uso indiscriminado que a ciência política vinha fazendo de certas palavras-chave<sup>6</sup>, o mesmo sentimento que nos habitava: “utilizá-las (estas palavras) como sinônimos indica não apenas um certo desprezo pelos significados lingüísticos, o que já seria grave em demasia, mas também tem resultado em uma certa cegueira quanto às realidades às quais eles correspondem” (p.36).

Entendemos que reunir sob uma mesma rubrica – *violência* - fenômenos tão díspares entre si – chacinas, atentados, processos “naturais” de subjetivação, etc. –, contribui para a criação de um estado de indistinção que nos deixa à mercê de confusões e de mal-entendidos. Assim sendo, julgamos oportuno encetar um movimento que tivesse por objetivo criar um aparato teórico, capaz de discriminar e acolher os fenômenos relativos à temática da violência em sua emergência plural e diversificada.

Partimos da premissa que os termos agressividade e violência deveriam se referir, necessariamente, a fenômenos de significados distintos. Contudo, se a confusão entre esses termos existe no meio psicanalítico, como constata Costa (1984) em seu estudo, também ela deveria ser levada em conta: o que faz que uma coisa possa ser tomada pela outra? Que relações poderíamos estabelecer entre agressividade e violência? Quando e por que a agressividade torna-se violência? Qual a importância e a participação da agressividade na vida psíquica?

Estas questões nos levaram a constituir um eixo de pesquisa: agressividade, subjetividade e cultura – um estudo sobre a participação dos impulsos agressivos nos processos de subjetivação. Trabalhamos com a hipótese de que apreender a participação dos impulsos agressivos nos processos subjacentes à emergência e a manutenção da vida

---

<sup>6</sup> H. Arendt (1969, p.36). As palavras as quais a autora estava se referindo seriam: poder, vigor, força, autoridade e violência.

psíquica, nos forneceria os subsídios necessários a uma reflexão e a uma problematização acerca do fenômeno da violência que, por diversas vias, incide em nosso cotidiano.

Se a compreensão de alguns fenômenos presentes na clínica apontava para a impotência, ou mesmo para a insuficiência do sujeito frente à “violência” própria à vida pulsional, no entanto, uma questão insistia: o emprego da palavra violência nessas circunstâncias seria adequado? Seriam esses fenômenos clínicos da atualidade o reverso silencioso do que encontramos, de modo tão evidente quão estridente em nossa sociedade, em termos de violência? Seria possível estabelecermos algum ponto de contato entre as transformações que experimentamos na clínica e no cotidiano em que vivemos? O que entendemos por violência psíquica - condição natural ou excepcional? Que relação poderíamos estabelecer entre agressividade, subjetividade e cultura?

\* \* \*

Socialmente percebemos que o uso da palavra violência é, hoje, muito mais prevalente do que o de agressividade. O que se ouve e o que fala é: violência!!! Mesmo quando encontramos a palavra agressividade, parece que o seu significado resta obscurecido pelas cores de um cenário, por demais violento. O resultado é uma tendência, presente entre nós, em se abolir a distinção relativa ao campo polissêmico de cada um desses termos.

De modo análogo, encontramos no meio psicanalítico essa mesma tendência. Como observa Costa (1984), falta consenso e, às vezes, até mesmo bom senso quanto aos fenômenos que se pretende abordar ao se fazer uso desses termos: “o uso do termo violência em psicanálise continua sendo confuso, impreciso e, às vezes claramente estapafúrdio” (p.10). De um modo geral, as justificativas remetem-nos ao texto freudiano, principalmente quando estabelece, a partir da segunda teoria pulsional, a destruição como a finalidade dos impulsos agressivos: “existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidos no mais amplo sentido - Eros se preferem esse nome - e as pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição” (Freud, 1933[32], p.129)<sup>7</sup>.

<sup>7</sup>À título de esclarecimento, informamos que, nessa tese, o termo pulsão será utilizado apenas no contexto da obra freudiana. No restante, empregaremos instinto para nos mantermos de acordo com o vocabulário de D.

No dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda (1979), no verbete *agressividade*, encontramos: “disposição para agredir; qualidade de agressivo; dinamismo, atividade, energia, força”. Sua origem remonta a palavra latina *aggredere* (agredir), que significa ir contra alguém, atacar, agredir; desdobrando-se em sondar, procurar, atrair, empreender, caminhar em direção a, dirigir-se a, ir em direção a, ir ter com, acercar-se de, aproximar-se”. No verbete *violência*, encontramos: “qualidade de violento; ato violento; ato de violentar”. Sua origem remonta à palavra latina *violentia*, que significa “rigor (do inverno), caráter violento, arrebatamento, veemência, ferocidade, aspecto feroz”. *Violento*, por outro lado, significa, “que age com ímpeto, impetuoso; que se exerce com força; agitado, tumultuoso; irascível, irritadiço; intenso, veemente; em que se faz uso de força bruta; contrário ao direito e à justiça”.

Se pararmos para analisar, percebemos que tanto a palavra *agressividade* quanto a palavra *violência* têm em comum a noção de força, o que por si só já nos remete a um dos principais conceitos da teoria psicanalítica: o conceito de pulsão. Sabemos que, para Freud, a essência de toda pulsão repousa na força ou pressão – o *Drang* pulsional – que ela exerce de maneira constante: “seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. [...] Toda pulsão é uma parcela de atividade” (Freud, 1915, p. 142).

Podemos constatar, no entanto, que o contexto a partir do qual a noção de força emerge em cada um desses verbetes é distinto. Em *agressividade*, força é um substantivo e encontra-se associada à capacidade ou disposição para se empreender movimento, que por sua vez, parece estar sempre indo em busca de algo ou alguém. Por outro lado, em *violência* a palavra força aproxima-se muito mais de um qualificativo, expressando a maneira como ela atua. Aqui, o que resta valorizado é a pressão que ela exerce, responsável pelo caráter feroz e impetuoso de uma força bruta. De todo modo, não encontramos na origem das palavras *agressividade* e *violência*, qualquer referência à pretensa finalidade destrutiva dessa força. Em outras palavras, quer enfatizemos a noção de força pela sua capacidade de colocar as coisas em movimento, quer valorizemos o modo como ela se exerce, não fica explicitado a razão de utilizá-las como sinônimos de destruição. Trata-se

---

W. Winnicott, principal referência teórica desta tese. Segundo Abram (2000), ele preferia a palavra instinto porque esta nos faz lembrar da sua raiz biológica.

de um deslocamento que aponta para a necessidade de maiores investigações acerca do contexto dessa transformação.

No verbete *destruição*, encontramos: “ato ou efeito destruir”, ou seja, “demolir, arruinar, aniquilar; fazer desaparecer; dar cabo; extinguir; assolar, arrasar, devastar, destroçar; matar, exterminar; desarranjar, desorganizar, transtornar, desfazer; ter efeito negativo, reduzir a nada”, podendo ainda significar, de modo surpreendente, na gíria, “apresentar ótimo desempenho em qualquer setor ou de atividade”. Aqui, é justamente a finalidade da ação o que encontramos. E, até mesmo esta, dependendo do contexto, pode ter o seu sentido subvertido, como nos mostra o uso popular.

Com a noção de finalidade tocamos um ponto sensível da existência humana, sobre o qual a teoria psicanalítica veio lançar luz de forma desconcertantemente inovadora: a questão da intenção que está por trás de toda ação humana. Ou seja, caímos na seara do desejo. Ainda que não possamos afirmar a equivalência entre a finalidade de um impulso e o desejo do sujeito, com a equiparação sinonímica entre os termos – agressividade, violência e destruição – corremos o risco de nos esquecer da diferença entre esses fenômenos. Em Freud, o reconhecimento da finalidade destrutiva dos impulsos da pulsão de morte foi apenas mais um passo de sua incansável investigação sobre a natureza e a gênese do desejo. Enquanto a noção de finalidade nos remete a uma questão constitucional, só podemos falar de desejo se consideramos a dimensão subjetiva na qual ele se inscreve. E, desde os primeiros momentos da teoria freudiana, é na relação com o outro e no contexto de uma determinada cultura que se instauram os processos de subjetivação.

Como assinala Costa (1984), a problemática que envolve a equiparação das palavras agressividade e violência não deve ser avaliada apenas como uma questão interna ao saber analítico, mas, sobretudo, em relação à conjuntura cultural em que este saber se inscreve. Encontramos na própria cultura as vias de elaboração que teriam levado a psicanálise a não se ater a uma possível distinção entre agressividade e violência. De fato, a partir de um determinado momento, a psicanálise passou a ser, ela mesma, parte integrante desse contexto, entrando no compasso das ideologias modernas. Desse modo, ela teria sido levada a “renunciar a seu potencial crítico e a capitular diante da violência” (p.14). O corolário disso é uma certa ‘naturalização’ sacralizada da violência, que teve como principal desdobramento a sua banalização: fala-se da “violência diluindo o seu impacto e

atenuando o seu horror” (p.14). O que, em última instância, somos levados a questionar com o trabalho de Costa, é a pretensa ‘natureza violenta’ do ser humano, bem como da cultura; ou seja, teses bastante difundidas entre nós que acabaram desembocando na idéia de que, tanto a cultura quanto o psiquismo, só existem pela ação da violência.

Ao considerarmos a violência como algo natural, estamos desconsiderando a participação da cultura na produção daquilo que, não importa o que seja, possamos chamar de “nossa natureza”. E, em se tratando de natureza psíquica, desde Freud, não podemos considerá-la senão como um fato cultural, uma produção datada, relativa a um determinado momento histórico e social: “A banalização da violência é, talvez, um dos aliados mais fortes de sua perpetuação. A resignação de que somos ‘instintivamente violentos’ faz com que o homem se curve a uma inexorabilidade igual à morte” (Vilhena, 2002, p.183).

A idéia de que tanto a cultura quanto o psiquismo só existem pela ação da violência tornou-se, praticamente, um ‘hábito mental’ entre os psicanalistas. Uma concepção que é difícil de ser criticada, na medida em que é partilhada por alguns dos pensadores mais lúcidos da cultura contemporânea. A psicanálise não só se deixou influenciar por esta crença, como também ajudou a sua implantação e consolidação na mentalidade atual. Em certa medida, o próprio texto freudiano propiciou o aparecimento dessa interpretação. Para Costa (1984), além do conceito de pulsão de morte, a teoria do trauma infantil, em particular o trauma da sedução e o estudo sobre totem e tabu que traz como desdobramento a questão do tabu do incesto e o mito do parricídio primordial, serviram de subsídio à defesa do papel da violência como fato inaugural do psiquismo. Em certa medida, Freud partilhou do ambiente cultural da sua época, inspirando-se na idéia (muito difundida àquela época) de que o *homem é o lobo do homem*.

No entanto, em um texto já tardio de Freud (1932) intitulado *Por que a guerra?* – uma carta à Einstein –, encontramos indicações oportunas sobre questão da violência, num dos raros momentos em que ele aborda esse tema. A argumentação de Freud é complexa e cheia de ambigüidades. Inicialmente, a violência surge no contexto do “conflito de interesses” (p. 246), como um instrumento utilizado pelos homens na busca por uma solução. Em seguida ela aparece associada a uma “inclinação pulsional” (p. 247): a inclinação agressiva do homem, oriunda dos impulsos agressivos (destrutivos) da pulsão de

morte. Por último, de forma surpreendente, ele afirma a existência de “uma intolerância constitucional à guerra” (p. 258). Segundo Costa (1984):

A aparente incoerência da teoria revela o que Freud observador não pode deixar de notar: não existe um ‘instinto de violência’. *O que existe é um instinto agressivo que pode coexistir perfeitamente com a possibilidade do homem desejar a paz e com a possibilidade do homem empregar a violência* (Costa, 1984, p.27 – o grifo é nosso).

Para Freud (1932), devemos ao processo de evolução cultural “o melhor daquilo em que nos tornamos, bem como boa parte daquilo de que padecemos” (p.158). Encontramos, pois, na ação da civilização os meios que incentivam a passagem da agressividade puramente impulsiva para a vigência de um pacifismo orgânico, constitucional:

Dentre as características psicológicas da civilização, duas aparecem como as mais importantes: o fortalecimento do intelecto, que está começando a governar a vida pulsional, e a internalização dos impulsos agressivos com todas as suas conseqüentes vantagens e perigos (Freud, 1932, 258).

A partir dessas considerações, já é possível chegarmos a algumas conclusões. Primeiramente, que a temática da agressividade encontra-se intimamente relacionada ao conceito de pulsão, de tal modo que uma variação na compreensão do conceito de pulsão deve ser correlata a uma mudança na concepção da agressividade. Em segundo, que um estudo sobre agressividade deve incluir uma investigação sobre as raízes da intenção agressiva. Impossível considerar a questão da violência desvinculada da questão do desejo. O que nos permite avaliar um ato como violento? Segundo Costa (1984), é a possibilidade de supor um ‘*desejo de destruição*’, por parte de quem o realiza, que nos autorizaria a julgá-lo como um ato de violência e não uma descarga puramente impulsiva. Sabemos que é pelo desejo que a dimensão do humano melhor se evidencia: o animal necessita, não deseja. A aparente irracionalidade de um ato violento sempre poderá ser remetida às razões de um desejo inconsciente. É a possibilidade do desejo de destruição que nos permite discernir entre a pura descarga agressiva e o seu emprego intencional - violência. Por fim, constatamos que, nesse contexto, não podemos prescindir de uma avaliação do papel da cultura.

Ao sondarmos nosso campo de pesquisa - a teoria psicanalítica -, encontramos duas abordagens que mantêm entre si diferenças importantes na maneira de conceber a

origem da agressividade: pulsional ou não-pulsional. De um lado, encontramos a maioria dos autores que desenvolvem seus trabalhos seguindo a tradição inaugurada por Freud; isto é, centrada na primazia da instância pulsional para a emergência da vida psíquica, recorrendo ao conceito de pulsão de morte como principal referência em um estudo sobre violência e/ou agressividade. Do outro, encontramos a obra de Winnicott que emerge, nessa conjuntura, como uma verdadeira exceção, assinalando a importância de fatores não-pulsionais na constituição do psiquismo, incluindo-se aí a agressividade. Mesmo que possamos encontrar, principalmente na Escola Inglesa, psicanalistas que compartilhem de algumas das idéias defendidas por esse autor, de fato ele é o único, dentre os psicanalistas posteriores a Freud, que constitui um trabalho amplo, consistente e sistematizado acerca da participação dos impulsos agressivos nos processos de subjetivação, tendo por fundamento uma crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte.

Para Winnicott, a agressividade, em sua origem, é sinônimo de atividade: motilidade própria a todo tecido vivo. O significado dos impulsos agressivos deve ser apreendido na relação primordial do bebê com sua mãe. Haveria, portanto, uma agressividade primária que se manifesta em termos de uma voracidade *teórica* original. É a mãe quem devolverá ao bebê o sentido ‘positivo’ ou ‘negativo’ de sua agressividade puramente instintiva: “É a mãe, e o ambiente humano, quem *qualifica humanamente o instinto*, tornando-o uma manifestação pulsional, ou seja, *um desejo dirigido a um objeto* (bom ou mau) e *portador de um afeto* (bom ou mau)” (Costa, 1984, p.31 – o grifo é do autor). Ainda que o bebê possa ‘atacar’ sua mãe de forma vigorosa, o que geralmente acontece é que ela não qualifica nem reage a esses ‘ataques’ como manifestações de violência. Muito pelo contrário, ela encontra aí as provas do seu amor. Em sua abordagem, Winnicott (1950-55) não cansa de enfatizar que “a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva” (p. 288).

Encontramos na obra desse autor um arcabouço teórico que nos permitiu realizar uma ampla investigação sobre a participação da agressividade e da cultura nos processos de subjetivação e do tornar-se pessoa. Para Winnicott, a agressividade é o motor propulsor do desenvolvimento humano. À medida que o bebê cresce, a agressividade modifica o seu sentido e as suas características de acordo com o ambiente que o bebê se depara. Impossível pensar a temática da agressividade fora do contexto no qual ela se

encontra inserida. O corolário disso é que os transtornos da agressividade resultam da incidência de falhas ambientais nos momentos iniciais do desenvolvimento. Diferentemente da tradição freudiana, Winnicott considera que tanto a agressividade quanto a destrutividade tem valor positivo e constituem uma conquista importante do desenvolvimento, para o indivíduo e para a sociedade.

Não foi difícil percebermos que a obra de Winnicott acenava com um arsenal teórico propício à realização dos nossos propósitos de investigação. Estabelecemos como ponto de partida uma avaliação sobre *A questão da agressividade e a teoria freudiana*. Nosso objetivo foi mapear as principais linhas de força que operam na delimitação dessa temática na obra e na posteridade freudiana, buscando, com isso, delinear a tradição a partir da qual o pensamento de Winnicott emerge. Para tal, acompanhamos Freud desde as suas primeiras elaborações teóricas, oriundas da experiência clínica dos comportamentos e sentimentos hostis e agressivos, até o aparecimento da sua teoria sobre a agressividade humana, explicitada formalmente em 1929, em *O Mal-estar na Civilização*. Contemplamos com atenção especial a primeira teoria pulsional freudiana, acreditando ser aí que encontramos os fundamentos da tradição freudiana da teoria winnicottiana da agressividade. Em seguida, avaliamos alguns aspectos do impacto que a teorização do conceito de pulsão de morte, em 1920, exerceu sobre a posteridade freudiana. Encerramos essa primeira etapa considerando as premissas e os pressupostos da concepção de Winnicott sobre a agressividade.

Pediatra de formação, fortemente influenciado pelas idéias de Darwin, Winnicott foi um vitalista: acreditava na existência de processos naturais que impelem o indivíduo em direção ao desenvolvimento e à saúde. Para ele, a teoria psicanalítica se constituiu como um terreno fértil no qual pôde fazer vicejar suas idéias e o seu interesse pelos momentos iniciais do desenvolvimento humano. Dispondo de uma ampla experiência na observação de bebês com suas mães, ele tinha como certo que a dependência era o primeiro fato na vida de uma pessoa. Ele não apenas chamou atenção para a importância dos fatores ambientais, como também valorizou os fenômenos relacionados às transações entre o indivíduo e o seu entorno. Sua contribuição mais importante foi justamente sobre os fenômenos e os objetos transicionais, que teriam lugar em uma terceira área da experiência: a área intermediária entre a realidade pessoal e o mundo externo.

Dada a originalidade do pensamento de Winnicott, dedicamos dois capítulos dessa tese a um estudo sobre a sua teoria da agressividade. Neles, buscamos compreender a evolução dessa teoria situando-a em relação ao contexto teórico de sua obra, igualmente em evolução. Assim, iniciamos o capítulo 3 com suas primeiras formulações, nas quais a influência do pensamento kleiniano é notória, bem como a maneira muito peculiar e característica de Winnicott lidar com os conceitos que dele derivam. Em seguida, reunimos em um mesmo tópico as contribuições que decorrem da sua investigação acerca do papel da agressividade em relação àquilo que é, sem dúvida, o ponto mais característico do seu pensamento: sua teoria do desenvolvimento emocional. Aqui, a participação da agressividade nos processos de subjetivação foi avaliada levando-se em conta as etapas do desenvolvimento do ego que, segundo Winnicott, são em número de três: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência. A importância do meio ambiente é decisiva para o rumo dos acontecimentos ao longo de todo o processo.

No capítulo 4, avaliamos a temática da agressividade no contexto dos fenômenos e objetos transicionais. A relação entre agressividade, criatividade e destrutividade emerge, então, com todo vigor. Aqui se revela, além da face criativa da agressividade, o valor positivo da agressão e da destruição para o indivíduo e a sociedade. Acompanhamos o *self*<sup>8</sup> desde a sua emergência solitária, inerente à existência subjetiva inaugural, até à percepção e o uso de objetos da realidade compartilhada. Uma jornada que se realiza às expensas do gesto espontâneo – o verdadeiro *self* em ação. Nesse momento, agressividade, criatividade e destrutividade são indiscerníveis e constituem o cerne vivo e pulsante do devir humano. Mais uma vez, vale ressaltar a importância vital do meio ambiente para o desfecho dos acontecimentos: as palavras-chaves são tolerância e sobrevivência.

De fato, para Winnicott, os transtornos da agressividade decorrem de falhas na provisão das condições ambientais adequadas ao seu desenvolvimento. Assim sendo, finalizamos esse capítulo dedicando uma atenção especial ao estudo dos transtornos que decorrem da incidência dessas falhas. Quando estas ocorrerem nos momentos mais iniciais do desenvolvimento – dependência absoluta –, o resultado são transtornos no processo de personalização: a dissociação da personalidade (em algum grau) em termos de verdadeiro e

---

<sup>8</sup> Essa noção será abordada no capítulo 2 dessa tese.

falso *self*, chegando, nos casos mais graves, às doenças psicóticas. Nessa condição, o potencial agressivo encontra-se inibido, a espera de ser descoberto, só podendo ser experimentado quando atribuído a fatores externos. Nos casos em que a falha ambiental incide em uma etapa posterior - de dependência relativa -, o que surge é a tendência anti-social: S.O.S. desesperado e atuado, dirigido ao meio ambiente. Aqui se revela o valor de comunicação da agressão: seu potencial de mobilização que intima o meio a intervir.

Com as noções de falso *self* e tendência anti-social, Winnicott demonstra que o recalçamento das moções pulsionais não é o único responsável pelo sofrimento psíquico. Há transtornos que decorrem de falhas no processo de integração do ego. Com isso, a tarefa terapêutica deixa de visar apenas o levantamento do recalque por meio da interpretação, para buscar, também, reunir as partes cindidas do *self*. Ou seja, existem carências e incapacidades no paciente que podem ser restauradas por uma provisão ambiental adequada às suas necessidades. Nesse caso, a provisão ambiental concerne ao manejo e ao suporte oferecido pelo dispositivo terapêutico.

Nesse contexto, é fácil percebermos que a noção de prevenção em saúde mental é uma conseqüência natural das idéias de Winnicott sobre agressividade. Ele postulava não apenas a importância da provisão ambiental - os fatores ambientais -, como também a potencialidade terapêutica do brincar: a morada da criatividade primária. Disso resulta uma nova concepção, tanto da função do terapeuta quanto do dispositivo clínico, incluindo-se aí, até mesmo, a idéia de profilaxia em saúde mental. Sem dúvida, a potencialidade do arsenal terapêutico que emerge da teoria winnicottiana da agressividade é enorme.

Encontramos no projeto inovador da ONG Casa da Árvore uma sensibilidade clínica que apresentava uma fina sintonia com as idéias de Winnicott. Reconhecemos nele a oportunidade de avaliarmos a potencialidade terapêutica de um dispositivo, que encontra no brincar e no falar o seu principal recurso. A partir da observação do trabalho realizado por esse projeto e dos conceitos winnicottianos estudados - provisão ambiental, falha ambiental e tendência anti-social, etc. -, realizamos uma reflexão sobre as manifestações agressivas e destrutivas, no âmbito de um atendimento coletivo voltado para crianças de 6 a 12 anos, na comunidade do Morro do Chapéu Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro.

Este encontro resultou numa experiência extremamente rica, profundamente estimulante e perturbadora. Durante um período de um ano e meio acompanhamos de perto

os êxitos e os impasses, as dores e as alegrias, assim como as dificuldades. Sobretudo, muitas dificuldades! No entanto, estas têm o seu peso relativizado pela dose de esperança que renasce a cada dia, a cada novo sorriso de criança.

Assim, buscamos demonstrar que a relevância da obra de Winnicott não é meramente teórica. É, também, essencialmente clínica. Desse modo, esperamos ter apresentado os argumentos que nos permitiram elaborar um estudo sobre o papel desempenhado pela agressividade e pela violência nos processos de subjetivação e nas experiências de sofrimento, em nossos dias. A partir de Winnicott, refletimos acerca desse sofrimento sem, no entanto, mergulharmos na desesperança. A observação do trabalho realizado pela Casa da Árvore nos permitiu confirmar o caráter preventivo atribuído por Winnicott a atendimentos dessa natureza. A partir desta experiência, defendemos a seguinte tese: a promoção de uma política de atenção à infância resulta em um trabalho efetivo de prevenção em saúde mental. Principalmente, ressaltamos a prevenção da violência, da delinquência, dos distúrbios de conduta de caráter compulsivo e das doenças psicóticas. Para concluir, relançamos o apelo do *rapper*, fazendo votos de que possamos ajudá-lo a despertar as sensibilidades adormecidas: “*Queria que deus ouvisse a minha voz e transformasse aqui no mundo mágico de oz... Hey mano, será que ele terá uma chance?... eu penso que poderia ser um filho Meu, moro?*” (Racionais MC’s).